

Revista Iberoamericana de Turismo



MINISTERIO
DE ASUNTOS EXTERIORES
Y DE COOPERACION



TURISMO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL NO CARIBE: O LUGAR DO OUTRO

Lívia Maria Bastos Vivas

Doutoranda em Ciências da Cultura pela Universidade do Minho, Portugal.

Investigadora do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal.

E-mail: liviaivivas@hotmail.com

Resumo

As ilhas caribenhas são caracterizadas por um longo processo de colonização e de independência tardia, aspectos que lhes causaram retrocesso ao nível econômico, político e social. Experimentam, através do turismo, a exploração neocolonial designada pela ação das potências emergentes, a partir do século XIX, situação que lhes impõe maior dependência, desencadeada por sistemas de exploração mais estáveis e aparentes. Por outro lado, o turismo é um dos setores que mais cresce em todo o mundo e sua rápida expansão tem sido, ou pelo menos deveria ser considerada, uma possibilidade de desenvolvimento sustentável aos países caribenhos. Esse artigo contextualizará a condição periférica sob a qual ocorre o desenvolvimento do turismo no Caribe, enquanto atividade econômica central, sinalizando as suas particularidades, as estratégias de exploração impostas pelos núcleos dominantes desde o período colonial, a relação entre turistas e nativos, o posicionamento do comércio turístico local e, finalmente, a circunstância em se encontra o *Outro*, enquanto grupo responsável pela executabilidade de uma atividade que demanda, nomeadamente, serviço.

Palavras-chave: Caribe. Turismo. Desenvolvimento. Sociedade. O *outro*.

It is the paradoxical nature of Caribbean tourism that is both repugnant to West Indians and yet desired by most of them...
(TABOLT, 1974)¹

1 INTRODUÇÃO

Caracterizadas por um duradouro e austero passado de exploração, as sociedades colonizadas tornaram-se produtos do domínio europeu que as lesou, manipulou e sobrepujou, suscitando uma situação desintegradora, ao pôr em contato realidades sociais bastante heterogêneas. No caso do Caribe, sua literatura pós-colonial, que forneceu grande parte das informações presentes nesse artigo, retrata em pormenores essa realidade e aborda, dentre outras, as questões complexas em torno da identidade cultural, construídas em contrassenso, visto que sempre foi posta em causa a necessidade da existência de um discurso próprio nessas sociedades, enfatizando o debate em torno de problemas específicos, distintos dos centros imperiais.

No Caribe, o processo de colonização teve início por volta de 1492 e a independência política da maioria das ilhas somente ocorreu a partir do século XX.

¹ Citado por Alan G. LaFlamme em *The Impact of Tourism: a Case from the Bahamas Islands*, 1979, p. 139.

Entretanto, apesar do fim da era colonial europeia, as últimas décadas da história local são marcadas por certo desenvolvimento industrial e pela ascensão de interesses econômicos de grupos dominantes internos, aliados à exploração de nações supremas europeias, mas, sobretudo, dos Estados Unidos, cujas empresas são atraídas através de incentivos fiscais que detêm a maior fatia dos lucros, inclusive livres de impostos que, todavia, deveriam ser investidos localmente.

Em termos de produção econômica, a agricultura já foi considerada a base de toda a economia da região caribenha, seguida pelo desenvolvimento industrial, e atualmente o turismo é a atividade local mais competitiva. A experiência colonial, contudo, continua a sombrear as relações internacionais, a migração e o turismo, ao passo que o turismo internacional continua a ser influenciado pela experiência colonial. Algumas ilhas, como Bahamas e Porto Rico, possuem um mercado de visitantes tradicionalmente americano. Barbados e Martinica atraem turistas britânicos e franceses. Já os mercados líderes no turismo são, como pontua Ferguson (2002, p. 293), a República Dominicana, as Bahamas, Porto Rico, Jamaica e Cuba. Esse setor é o maior empregador da região, seja através de empresas hoteleiras, de departamentos governamentais ou prestadores de serviços, a exemplo de guias de turismo e serviços de transporte local.

A imagem romantizada do turismo caribenho, no entanto, não corresponde ao perfil conflituoso e controverso do setor na região, desencadeado, nomeadamente, pelo controle estrangeiro de empresas norte-americanas, além de outras condições desfavoráveis como a falta de estrutura física e de serviços adequados, o aumento da exploração sexual, a degradação ambiental causada pela excessiva quantidade de turistas, a concorrência desproporcional entre grandes e pequenos comerciantes locais, a sobrecarga para as comunidades nativas, fatores que são apenas alguns dos que revelam o crescimento desequilibrado do turismo na região, considerada a mais dependente do turismo no mundo.

Partindo dessa breve contextualização, o propósito desse trabalho é apresentar os principais atributos que envolvem o setor de turismo na parte leste do Caribe, região constituída por pequenas ilhas possuidoras de características homogêneas em diversos aspectos. Longe de representar um estudo pormenorizado e completo, devido obviamente à amplitude da temática, fato que exigiria extensão e aprofundamento dos assuntos que serão aqui delineados, o intuito é demonstrar de que maneira aconteceu o surgimento e a estruturação do turismo na região, sinalizando como o setor, que apresentou crescimento após um longo processo de colonização das ilhas, mantém relações intrínsecas com esse advento, que gerou uma experiência ainda mais corrosiva para as sociedades, baseada, sobretudo, em níveis de profunda exploração neocolonial.

Essa abordagem, resultado de meses de pesquisa sobre a literatura pós-colonial caribenha em língua inglesa, tem como foco principal a análise da questão social, através do estudo do impacto causado pelo turismo na população caribenha, particularmente no que diz respeito às transformações ocasionadas na vida dos negros nativos, que na maioria dos casos, constituem a maior parte dos trabalhadores dos setores formal e informal do turismo, que lidam com a condição subalterna implícita na interação com os turistas brancos, em sua maior parte europeus e norte-americanos. Demonstrarei a natureza “colonial” dessa indústria, que subjaz os caribenhos à circunstância de *Outro*, através da qual foram segregados durante um longo período, em função do “*zelo civilizatório*” imposto pelo colonizador.

2 CARACTERIZAÇÃO DOS PAÍSES-ILHAS CARIBENHOS: ATRIBUTOS GEOGRÁFICOS, SOCIAIS HISTÓRICOS E ECONÔMICOS

A região caribenha é dispersa em uma área geográfica vasta, que comporta mais de 7000 ilhas, ilhotas e recifes, porém com massa de terra relativamente pouca, e engloba as ilhas de Trindade e Tobago ao sul, e Cuba e Bahamas ao norte. As ilhas que compõem essa região geográfica são divididas em dois grupos: o primeiro, das Grandes Antilhas (*Greater Antilles*), compreende Cuba, Haiti, República Dominicana, Jamaica e Porto Rico que, juntamente com as Ilhas Virgens, formam a borda norte da bacia caribenha. O segundo grupo é o das Pequenas Antilhas (*Lesser Antilles*) que constitui a borda leste da bacia. Eles formam duas cadeias de ilhas paralelas, as que se situam mais na parte leste que termina em Guadalupe e são conhecidas como *Leeward Islands* (Ilhas de Sotavento) de St. Kitts/ Nevis, Antigua e Barbuda e Montserrat. A cadeia interna que atravessa a Granada faz parte de uma península submersa e é conhecida como *Windward Islands* de Dominica, Martinica, Guadalupe, Santa Lucia, São Vicente e Granada. Já as ilhas de Trindade, Tobago e Barbados, são originárias do continente sul-americano e possuem relações geológicas com o leste da Venezuela. Esses territórios possuem uma forte conexão cultural e histórica com a escravidão, a colonização europeia e o sistema de *plantation*. Relativamente ao clima e vegetação, com exceção da extremidade norte das Bahamas, todas as ilhas caribenhas têm clima e vegetação tropicais. Um dado problemático é o aparecimento de furacões, que normalmente surgem entre os meses de agosto e novembro, e em menor grau de vulcões, predominantemente na parte oriental do Caribe.

Quanto aos atributos demográficos, a maior parte do Caribe é constituída por descendentes de africanos que vivem nas ilhas de colonização francesa, inglesa, espanhola e holandesa. Há uma minoria de mestiços e de descendentes de europeus holandeses, ingleses, franceses, italianos e portugueses. Asiáticos, principalmente os de descendência chinesa e indiana, que chegaram à região no século XIX como trabalhadores do sistema de *indentured*², formam uma significativa minoria na região e também contribuem para a formação de comunidades multirraciais. Os idiomas falados no Caribe, além do francês, inglês, espanhol e holandês, são os diversos dialetos crioulos. Há muitas questões em comum entre os vários territórios que formam a região, entretanto barreiras políticas, sócio-econômicas e linguísticas a mantêm em grupos isolados, fatores derivados das variadas nações colonizadoras europeias.

Quando investigamos as características das nações caribenhas, inevitavelmente somos compelidos a analisar as consequências resultantes do seu longo passado colonial, que resultou, dentre outros fatores, em sérias adversidades sociais e desestruturações econômicas. Sobre a história do tráfico de escravos no mundo, sabemos que os europeus foram os precursores dessa prática. Países como Portugal, França, Espanha e Inglaterra foram os pioneiros nessa atividade e destacaram-se não apenas pelo comércio de escravos, mas, sobretudo, pela colonização violenta. Thomas (1997) enumera que em torno de 40.000 escravos foram levados da África para as Américas ou Europa e ilhas Atlânticas. Com o passar do tempo, esse número expandiu e culminou em aproximadamente 60.000 escravos, entre os anos de 1550 e 1575. As estatísticas em muito variam e não afirmam com

² Sistema de trabalho existente entre 1838 e 1917, caracterizado pela imigração de indianos para as ilhas caribenhas e para as colônias ao norte do continente sul-americano, que constituiu a solução encontrada para a carência de escravos afro-descendentes, que após a emancipação optaram por manter-se distantes do tradicional comando do sistema de escravidão degradante, antes constituído por trabalho forçado, maltrato físico e intermináveis horas de trabalho durante o tempo de safra.

precisão a quantidade de escravos levados da África. A certeza, todavia, é de que a escravidão ocasionou impactos e consequências negativas para a vida de milhões de pessoas, entre 1451 e 1870.

As ilhas caribenhas tornaram-se o ponto central do império britânico e as colônias açucareiras foram as mais valiosas. Durante esse processo, alguns grupos foram beneficiados, a exemplo dos proprietários e traficantes de navios negreiros, os donos de plantações, os líderes africanos envolvidos no comércio e também os banqueiros e pessoas comuns. Traficantes de escravos no Caribe favoreceram a importação de homens escravos, considerados melhores trabalhadores.

Historiadores avaliam que aproximadamente 1.000 escravos por ano entraram nas colônias britânicas na época e, entre 1740 e 1750, um pico de mais de 5.000 mil por ano. Calculam que por volta do ano de 1870, traficantes levaram em torno de 600.000 escravos para o território que eventualmente seria os Estados Unidos. Inicialmente, a maioria dos negros que entrou nas colônias procedia das Índias Ocidentais, mas no século XVIII, a Virgínia importou a maioria dos seus escravos diretamente da África. Outras colônias britânicas que receberam muitos escravos foram Nova Jersey, Pensilvânia, Massachusetts, Boston, Nova Amsterdã, Nova York, Filadélfia, Carolina do Sul, Chesapeake e Caribe.

A economia das metrópoles, nos primeiros anos do século XIX, dependia tanto da escravidão quanto dos bens produzidos por escravos. A maioria do algodão utilizado na Inglaterra, em 1803, por exemplo, procedia das colônias de plantação da Louisiana, Brasil ou Demerara-Suriname. Entre 1790 e 1806, a população escrava cresceu em pelo menos um quarto no império britânico. Klein (1978) *apud* Madrigal (2006) afirma que no Caribe a Jamaica foi o país que recebeu a maioria dos escravos e, em meados de 1700, o comércio jamaicano era o maior do império britânico. Atualmente, a agricultura caribenha é largamente baseada na plantação ou monocultura de cana-de-açúcar, banana, frutos cítricos, cacau, coco, algodão, arroz e tabaco. Na ilha de Antigua, por exemplo, a produção de açúcar foi lucrativa até os finais do século XVIII, até que, após esse período, a Grã-Bretanha encontrou fontes mais baratas do produto, o que fez com que a economia local entrasse em declínio, fato que ocasionou oportunidade para que se pusesse fim à escravidão, que teve início ilegalmente em 1807 e perdurou até 1834, com a sua abolição.

Em um cenário, em que tanto a agricultura quanto a indústria entraram em decadência, a primeira devido à falta de direção associada à ausência de uma política claramente formulada pelas elites políticas e a segunda apanhada por uma crise de atratividade limitada ao capital central que inibiu o seu crescimento, destaco que nenhum desses setores econômicos foi dominante durante o período pós-colonial, como argumenta Henry (1985, p.122). O crescimento econômico foi liderado pela expansão da atividade turística que trouxe mudança nas relações entre centro e periferia, fazendo com que a região caribenha adquirisse novas funções do ponto de vista da expansão do capital central, conforme acrescenta o mesmo autor.

Essa foi a possibilidade econômica que o capital central encontrou na região e então o setor de serviços, tendo o turismo como principal atividade, tornou-se o interesse primário. Esse fato, conseqüentemente, relegou o turismo a uma condição periférica, criada pelo próprio capital central. Ao contrário do setor industrial, foi definido interesse pelo investimento nessa área e assim o padrão de desenvolvimento nessa indústria foi um dos quais a iniciativa privada estrangeira assumiu a liderança, tendo o suporte governamental em seguida. Os números sugerem, segundo Hall, Holder e Jayawardena (2005, p. 5), que o turismo é uma atividade de importância crítica para a região caribenha, que é considerada quatro vezes mais dependente da indústria do que qualquer outra região do mundo.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO CARIBE: LEGADO DE UM PASSADO COLONIAL

O crescimento das viagens internacionais e a Revolução de Cuba, em 1959, são fatores que conspiraram para fazer do turismo o maior setor econômico de muitas ilhas caribenhas. Por volta de 1960, o turismo foi considerado a indústria do futuro. E assim, os esforços, tempo e recursos que inicialmente eram voltados para a industrialização no Caribe, foram rapidamente transferidos para o desenvolvimento do turismo, ocorrendo, portanto, sua estagnação e conseqüente declínio (HENRY, 1985).

O desenvolvimento do turismo tornou-se um dos acontecimentos mais significativos da década de 60. A maioria dos turistas, atraída por um clima tropical e quente todo o ano, com praias de águas claras e areias brancas, chegava às ilhas caribenhas nos meses de inverno, de novembro a março, ou nos meses de verão, de julho e agosto, permanecendo por uma média de sete dias. A amplitude do setor foi constatada pelo aumento do número de hotéis e leitos. As receitas geradas foram indicadores importantes. Na ilha de Antigua, por exemplo, no período de 1961 a 1968, as receitas triplicaram, o que significou uma taxa de crescimento anual de 16%. Entre 1973 e 1976, houve queda, como resultado da recessão nos Estados Unidos. Em Bahamas, durante o período de 1949 a 1966, o número de turistas aumentou de 32.018 para 822.317, segundo dados informados por LaFlamme (1979, p. 138). Nesse momento, além de serem atraídos por clima agradável e beleza natural, houve também o incremento de opções de lazer locais, proporcionadas em parte pelo governo.

O fortalecimento do turismo nos anos 60 representou uma fase de otimismo quanto ao seu potencial e benefícios para o desenvolvimento econômico. Houve um crescimento evidente do turismo internacional nesse momento de euforia, justificado pela criação de emprego, receita tributária e cambial, melhoria de padrões de higiene e nutricionais para as localidades, consciência das comunidades e preservação de locais importantes. Entretanto, esse fato não corresponde à realidade da década de 70, quando surgiu, então, um olhar mais crítico em relação ao setor, no que diz respeito aos impactos econômicos, políticos, sociais e ambientais presentes nos custos elevados que a atividade demanda, à discriminação racial e à subalternidade na interação entre turistas e autóctones, descontrole quanto ao investimento de corporações externas, várias formas de poluição ambiental, dentre outros transtornos.

Apesar da importância do turismo para a economia caribenha, é curioso verificar que o setor não obteve o mesmo nível de assistência dos governos locais como os programas de industrialização, o que indica que crescimento não significa melhoria da qualidade. Nessa esfera, a assistência governamental foi direcionada principalmente para incentivos legais, infraestrutura e atividades promocionais, sendo o incentivo governamental significativo no segundo item. Houve, portanto, melhoria na estrutura de transportes, redes de comunicação, estradas e no suprimento de água e eletricidade para as ilhas, embora, atualmente, a qualidade da estrutura física seja uma dos quesitos que não satisfaz os turistas que visitam o Caribe.

O professor Kenneth Hall (2005, p. viii) afirmou que o mercado de viagens e turismo no Caribe crescerá a uma taxa anual de 5,5 % em termos reais, entre 2003 e 2013 (WTTC 2003), e gerará mais de 2,7 milhões de empregos. Dados recentes apontam que o turismo representa 14% do PIB da região e que há cerca de 2,2 milhões de pessoas trabalhando no setor, o que faz do turismo o maior empregador após o setor público. Todavia, o sucesso proporcionado pelo turismo em um país não pode ser mensurado

através da quantidade de turistas que recebe, do número de noites que os hóspedes passam em um destino ou dos seus gastos totais. Um dos principais transtornos ocasionados pelo turismo são os vazamentos substanciais do setor e um dos fatores que contribui é a quantidade elevada de insumos que a atividade importa. Para fazer com que os turistas se sintam “*em casa*”, uma elevada quantidade de bens que não são produzidos localmente é importada, a exemplo de *souvenirs* e até mesmo de alimentos consumidos no ambiente hoteleiro. Outro motivo para o escoamento é o fato de a operacionalização do turismo envolver ampla publicidade, bem como pagamentos a agentes de viagem estrangeiros, remessa de lucros para investidores externos e pagamento ao pessoal expatriado, além de que a maioria das empresas, a exemplo dos meios de hospedagem, é de propriedade de empresários estrangeiros. Isso nos leva a concluir que uma elevada proporção dos ganhos obtidos com o turismo é perdida, devido à influência de fatores externos.

Em termos sociais, muitas pesquisas abordam a notória condição do turismo caribenho enquanto legado de um passado de colonização duradoura. Nas palavras de Abernethy (2000, p. 15) *apud* Jaakson (2004, p. 173), “um legado do governo colonial em muitos estados atualmente independentes representa um alto nível de vulnerabilidade à geração de mudanças econômicas e tecnológicas externamente”. Como sabemos, o colonialismo definiu-se por uma relação essencialmente conflituosa, fundamentada na desigualdade estrutural entre colonizadores e colonizados, centrada na visão da subalternidade étnica e cultural dos últimos, em detrimento da “*missão civilizadora*” dos primeiros, que desejavam intencionalmente e de forma absoluta, garantir o domínio em âmbito político, econômico e espiritual, baseando-se em justificativas de superioridade, técnicas avançadas, poderes material e intelectual, que resultaram em divisões sociais díspares, que por sua vez ocasionaram consequências que continuam a repercutir negativamente. Alguns dos problemas mais comuns são crimes, assédios e conflitos racistas que se fazem presentes na interação entre trabalhadores nativos e turistas e até mesmo entre nativos de cor e residentes brancos, além da própria natureza do turismo, baseada, sobretudo, em serviços, e muitas vezes associada à ideia de subserviência, ocasionando, portanto, sentimentos de subalternidade e xenofobia, principalmente àqueles que trabalham diretamente no setor, ou seja, grande parte da população das ilhas. Há também a justificativa de desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida da população local, argumentada pelo governo e empresas estrangeiras, verdadeiros detentores dos benefícios oriundos desse progresso e reais interessados em proporcionar educação e treinamento para o turismo em todos os níveis de ensino, de maneira a viabilizar o desenvolvimento do setor na região.

No que diz respeito à situação feminina, ao passo em que o turismo proporcionou a atração de muitas mulheres ao mercado de trabalho, tanto formal como informal, alguns efeitos negativos puderam ser notados, como a ocupação em funções com má remuneração, o aumento da prostituição e exploração sexual, o tráfico humano, apenas para citar alguns, conforme menciono em artigo recente *Interseções entre gênero, raça, turismo e exploração sexual na ilha caribenha de Antigua*. Esses são fatores que ocasionam a continuidade do patriarcalismo e da subalternidade feminina, tornando a diáspora transnacional um fenômeno presente na vida dos caribenhos e, sobretudo, das mulheres.

4 A INTERVENÇÃO DAS NAÇÕES HEGEMÔNICAS NO TURISMO CARIBENHO: O POSICIONAMENTO DA EUROPA E DOS ESTADOS UNIDOS

Contemporaneamente, o termo neocolonialismo é inúmeras vezes utilizado como sinônimo de imperialismo, vocábulo de mesma natureza, embora relativamente mais abrangente. É esse regime, de cunho essencialmente econômico, que tem substituído a dominação da antiga metrópole pela exploração das potências sobre as nações mais fracas. Outra distinção é o fato de o neocolonialismo ocasionar uma abrangência mais intensa em uma região do que em outra. O imperialismo é uma realidade contínua na medida em que, desde 1940, “o *imperialismo-sem-colônias*” dos Estados Unidos tomou um série de formas distintas em termos militares, políticos, econômicos e culturais, alguns ocultos, outros meio-ocultos. O poder do capital financeiro norte-americano e de multinacionais para dirigir fluxos de capital, *commodities*, armamentos e informações por todo o mundo tem um impacto tão relevante quanto de qualquer regime colonial. Em termos históricos, portanto, a ruptura que o termo pós-colonial implica é injustificável. No caso dos países caribenhos, ainda que possam ser considerados pós-coloniais- desde que não esqueçamos as contínuas influências dos seus antigos colonizadores em determinados aspectos- o mesmo termo não se aplica à condição perante o “*império*” vizinho.

A dependência característica dos países da América Latina e Caribe é consequência da penetração estrangeira na economia política dessas nações, que advém do condicionamento à relação com outra economia dominante e capaz de se expandir e desenvolver. Sabemos que as relações internacionais nas quais os Estados Unidos intercedem têm características de fundo dominante, nas quais estão presentes questões como segregação racial, supremacia econômica, expansão territorial, dentre outros, situações que são particularmente prejudiciais ao restante da América. A região caribenha sempre foi alvo de interesse dos Estados Unidos, devido à sua localização estratégica e potencial de desenvolvimento. A partir do momento em que estes se transformaram em uma nação industrial, expandiram o seu território e o seu domínio a outras regiões.

Na década de 70, as Índias Ocidentais tornaram-se um dos destinos mais visitados pelos norte-americanos, que foram estimulados pelas reduções nas tarifas aéreas e nos valores dos pacotes turísticos. Conforme expresso em artigo supracitado, Pattullo (1996) *apud* Pantin (1999, p. 230) enumera que em 1989, por volta de 63% dos quartos de hotel da região, pertenciam a proprietários estrangeiros, com altas porcentagens em algumas ilhas: St. Maarten, Anguilla e as Caymans (82%); Antigua (87%) e Aruba (88%). E em alguns casos em que as ilhas ainda possuem um passado colonial, essa situação é ainda mais evidente.

Não podemos esquecer que os turistas enquanto consumidores depositam expectativas pessoais em cada experiência turística e, na maior parte das vezes, intencionam partir para um destino que lhes proporcione prazer, segurança e que de alguma maneira lhes lembre a sua própria cultura. Ora, se a maioria dos turistas que frequenta o Caribe é norte-americana, significa que muitos dos produtos que são consumidos no *trade* são de origem norte-americana, a exemplo de gêneros alimentícios, redes hoteleiras e companhias de transporte aéreo. Esse é apenas um dos fatores que justificam o domínio de empresas norte-americanas sobre os elementos que compõem o setor. Com uma demanda majoritariamente norte-americana e europeia, o turismo caribenho espera um período de estagnação e crescimento negativo atualmente, devido ao impacto da crise econômica europeia e das questões dos déficits norte-americanos.

É notória a intervenção e o controle do capitalismo norte-americano no setor turístico caribenho, representados nomeadamente por empresários, cujo propósito é sempre o mesmo: maximizar os lucros ao proporcionar um produto desejável ao maior número de consumidores possível, reduzindo os custos desse processo ao mínimo e comercializando ao máximo a vida dos nativos, transformada em um ambiente de atrações naturais e históricas, manipuladas em prol da satisfação dos consumidores em massa. Portanto, elementos culturais como arte, música, dança e literatura são transformados em patrimônio de uma economia turística em constante expansão.

Azevedo e Herbold (1986, p. 43) destacam que além do nível de intensidade do imperialismo norte-americano, o neocolonialismo das metrópoles europeias seguiu a mesma linha em suas possessões, através de um “controle econômico e ideológico, naturalmente facilitado pelos laços coloniais”. A União Europeia reconhece cada vez mais o potencial do setor privado na realização dos objetivos de desenvolvimento, embora na prática, tanto a UE quanto as instituições caribenhas, pareçam ter problemas quanto ao aproveitamento do potencial de desenvolvimento que o turismo representa.

Em um fórum realizado no ano de 2011 em Bruxelas, o *Annual Caribbean Tourism Summit*, os representantes políticos do turismo no Caribe afirmaram o propósito do evento em dar início a um diálogo mais próximo e sustentado com membros de estado da União Europeia, do Parlamento Europeu e da Comissão Europeia sobre questões pertinentes ao desenvolvimento do turismo, na tentativa de principiar um processo que concederá ao turismo maior foco em futuras relações entre o Caribe e a UE. Enumeraram que, de acordo com o WTTC, por volta de 2021, a contribuição direta das viagens e do turismo para o PIB caribenho será de 16.4 bilhões de euros, seu amplo impacto econômico será de 50.83 bilhões de euros e a contribuição total na geração de empregos está projetada para ser de 2.76 milhões. Também há previsão de que a indústria gere 27.17 bilhões de euros das receitas de exportação, com investimento total no turismo alcançando 6 bilhões de euros ou 12.5 %.

Foram debatidas também mudanças na Europa no que diz respeito à aviação, tributação, segurança, meio ambiente, mercado de carbono e energias limpas, que têm impacto nos interesses de desenvolvimento em longo prazo do Caribe. Foram salientadas questões relacionadas ao impacto do crime, à necessidade em expandir o transporte aéreo, treinamento e pesquisa, saúde pública e investimentos externos diretos na indústria. Afirmou-se que a presença de cinco ministros caribenhos no evento representava uma indicação clara de que havia interesse da parte caribenha em tentar estabelecer uma forte relação com a UE em prol do desenvolvimento dessa indústria crítica. Sinalizaram ainda a necessidade de encontrar formas de apoiar pessoas envolvidas direta e indiretamente no setor, tanto empresários caribenhos quanto grupos das comunidades de base, de maneira a permiti-los obter vantagens da oportunidade em oferecer novos serviços turísticos que não apenas oferecerão mais alternativas ao consumidor, mas que também garantirão que as comunidades locais compartilhem equitativamente da riqueza que o turismo proporciona.

Em relação aos Estados Unidos, parece não haver qualquer intenção que a relação ocasionada pelo turismo seja desfeita, condição confirmada pelo estabelecimento da *Caribbean Basin Initiative* (CBI), em 1984, destinada a reduzir os conflitos econômicos e políticos pelo estímulo às economias caribenhas e também designada a encorajar o investimento privado, através da eliminação das barreiras comerciais entre os países caribenhos e os Estados Unidos, a captar ajuda externa para o desenvolvimento de infraestrutura e a promover o turismo na região, elemento central do programa, conforme relata Planisek (1990, p. 466).

5 PARTICULARIDADES DOS ELEMENTOS SOCIAIS E CULTURAIS DO TURISMO: A INTERAÇÃO ENTRE TURISTAS E AUTÓCTONES

Conhecido como um paraíso de clima quente, envolto por um belo cenário natural, o Caribe é destino favorito de europeus e principalmente de norte-americanos, cujo percentual de visitantes gira em torno de mais de 30%. Os efeitos econômicos do turismo caribenho são amplamente destacados em pesquisas, como descreve Jayawardena (2002, p. 88) ao destacar o Caribe como o sexto destino do mundo em termos de receitas turísticas. As questões sociais e a dependência cultural, contudo, configuram fatores de menor evidência nas investigações e há a constatação de que a cultura nativa é considerada inferior a do turista, geralmente da raça branca, patriarcal e infundida no conhecimento e nos valores ocidentais. Dessa forma, o olhar do turista para a localidade visitada é um olhar redutor a um exotismo inferiorizante, baseado na noção de sol, praia e sexo.

O “*Outro*”, sob o ponto de vista (pós) colonial representa aquele que, segundo Foucault (1988) *apud* Wearing e Darcy (2011) é excluído, oprimido ou desfavorecido por um discurso particular. Esse conceito é utilizado na análise da representação cultural da relação nativo-turista. O estabelecimento de culturas hegemônicas em comunidades receptoras significa que os valores da cultura turística não somente solapam e frequentemente destroem a cultura local, mas também reforçam os códigos estreitos de culturas baseadas em historicidade ocidental linear, mitologias da raça branca e do capitalismo industrializado, como apontam os mesmos autores, gerando um canibalismo cultural.

O conceito de sustentabilidade social é marginalizado tanto do ponto de vista privado como público, em favor de considerações econômicas e ambientais. As comunidades locais não são vistas como partes essenciais do progresso do setor turístico. Essa condição só pode ser modificada caso haja um esforço consciente baseado em uma abordagem diferente para o “*Outro*”.

Dentre alguns dos efeitos mais sérios e nocivos ocasionados pela relação entre turistas e nativos, está o mercado sexual que se formou paralelamente ao crescimento do turismo e destacou o Caribe como uma importante cota desse mercado. Os turistas que procuram as ilhas caribenhas com esse propósito são geralmente brancos europeus, norte-americanos ou canadenses, em sua maioria sutilmente racista e com a crença de que ao se relacionarem com pessoas de cor, promoverão a igualdade, removendo os conflitos gerados pela problemática racial. Ao citar a argumentação de Taylor (1999), acrescento que os turistas brancos ocidentais sempre projetaram as suas fantasias sexuais e turísticas sobre o “*Outro*”, sexualizado e racializado, considerado exótico e natural, dessa maneira justificando essa prática.

Em algumas regiões mais isoladas, a exemplo de *Green Turtle Cay*, localizada ao norte das Bahamas, a expansão do turismo provoca insatisfações à população local, que sente seu espaço violado por turistas, sendo forçados a interagirem, mesmo que superficialmente, com pessoas as quais não intencionavam receber. Em geral, esses autóctones desejam o retorno financeiro proporcionado pelo turismo, todavia evitam o contato significativo com turistas, como relata LaFlamme (1979, p. 145).

Com o propósito de amenizar os problemas existentes entre turistas e comunidades locais e conseqüentemente aproximá-los, Darcy (2011) sugere como solução o oferecimento de atividades de lazer nas localidades, a exemplo daquelas relacionadas ao ecoturismo, que promoveriam a interação entre esses grupos tão distintos. No sentido de proporcionar valorização às culturas das localidades turísticas e de favorecer o

envolvimento dos membros das comunidades, os profissionais do marketing, encarregados de promover os destinos, poderiam engajar-se na divulgação de atividades aos potenciais turistas, já que o desejo de muitos é o envolvimento sadio com os residentes. Uma situação que deve ser evitada na divulgação dos produtos turísticos é a descrição desses espaços como paraísos tropicais virginais, destinos místicos ou paisagens preciosas preservadas, prontas para serem exploradas no seu estado natural, juntamente com a fantasia de que os nativos dessas localidades são considerados frequentemente passivos, receptivos, puros, autênticos, exóticos, subalternos. A ideia fundamentada durante o período colonial, portanto, ressurgiu através do turismo, ao passo que a noção de sérios conflitos sociais e culturais, condições comuns a essas comunidades, não configura assunto de interesse primário aos responsáveis pelo desenvolvimento do turismo e nem ao próprio turista.

6 ENFIM, O PONTO DE VISTA DO *OUTRO*: UMA VOZ SUBALTERNA?

Início essa parte do texto com os seguintes questionamentos: em um mundo em que o turismo é uma indústria globalizada, dominada por ex-potências coloniais, pode o subalterno ter voz? Pode a teoria pós-colonial falar pelo subalterno sem perpetuar a outridade?

Em seu artigo *Theorizing Other discourses of tourism, gender and culture: Can the subaltern speak (in tourism)?* Aitchison (2001) chama a atenção para o fato de que os autores pós-coloniais, a exemplo de Edward Said (1978) na sua célebre obra *Orientalism*, ao focar no seu trabalho a dominação hegemônica das populações colonizadas, enfatiza uma série de estatísticas, porém informando mutuamente binários leste/oeste, feminino/masculino, colonizado/colonizador. Acrescenta Aitchison que Homi Bhabha (1983), por sua vez, acredita que esse ponto de vista oferece pouco espaço para a agência por parte dos “colonizados” (grifo da autora). Complementa o pensamento ao citar o proeminente ensaio *Can the Subaltern Speak?*, de autoria da indiana Gayatri Spivak (1985), que alerta contra a tentativa pós-colonial de “descobrir” (grifo da autora) a voz subalterna que tem sido proferida em silêncio através das forças hegemônicas do capitalismo patriarcal, se for levado em consideração, por exemplo, que o silêncio das mulheres colonizadas- dada a natureza silenciada dessas vozes- é distinto daquele dos homens na mesma condição. A autora chama a atenção para a importância de não falar pelo subalterno, mas sim de criar mecanismos para que ele se articule e seja ouvido, tornando visível a sua posição.

Uma condição que tem sido deixada à margem das discussões sobre o desenvolvimento do turismo é a forma como a sua gestão contemporânea tem “outrizado” aqueles considerados removidos da base de suas negociações neoliberais, como declara Darcy (2011, p. 18). Os residentes de comunidades dependentes do turismo podem claramente diferenciar os benefícios econômicos da atividade e os custos sociais implícitos à mesma, embora a consciência de certas consequências negativas não conduza à oposição quanto ao desenvolvimento do setor. Sob esse contexto, colocamos em questão as estruturas socioculturais que são modificadas consideravelmente sob a influência do turismo. Em outras palavras, ao passo em que a atividade ocasiona o investimento em infraestrutura e, portanto, proporciona considerável avanço à qualidade de vida, ampliação nos níveis de oferta de emprego e incremento de renda, outros efeitos nocivos são observados, a exemplo do aumento da disparidade social, das desigualdades de gênero, das tensões sociais provocadas pela sensação de subalternidade presente na relação entre caribenhos negros e turistas brancos e do domínio do setor que é gerido em sua maior

parte por grupos estrangeiros, os quais detêm as maiores fatias dos lucros, aliados à cúmplice governança regional.

Do ponto de vista cultural, a dependência desses países em relação aos mais estruturados é definida como uma condição onde o desenvolvimento do conjunto de atitudes, crenças e valores, que dá significado a uma sociedade e que fornece os pressupostos e regras que governam o comportamento social de seus membros, é tão condicionado por e reflete tanto a expansão de uma cultura externa, que há uma relação de dominação e subordinação entre o centro cultural, ou seja, a metrópole, e a cultura periférica, representada pelo país dependente, conforme Erisman (1983, p. 342).

Esse mesmo autor, ao citar David Lowenthal, acrescenta que:

Novas formas de dependência reforçam velhos hábitos coloniais. Restrições políticas, econômicas e culturais estão intimamente interligadas- laços comerciais conduzem a acomodações estratégicas, a dependência cultural decorre da dominação econômica exterior. A submissão a critérios culturais externos é o concomitante inevitável à dependência política e econômica das Índias Ocidentais³ (LOWENTHAL, 1972, p. 233-245 apud ERISMAN, 1983, p. 343).

Essa é, portanto, a condição real dessas nações caribenhas, que não obstante um passado colonial conflituoso, perpetuam uma conexão disparadamente desvantajosa com os países líderes.

Nesse mesmo artigo, intitulado *Tourism and Cultural Dependency in the West Indies*, Erisman apresenta as teorias *Trickle Down*, *Commodization*, *Mass Seduction* e *Black Servility*, cujas análises são distintas, mas que apontam para a mesma conclusão: a de que o influxo massivo de mercadorias estrangeiras, pessoas e ideias associado à indústria de viagens possui um impacto negativo que retarda o surgimento de um forte sentido de autoestima, reforçando o tradicional preconceito local, conforme afirma Lowenthal (1972, p. 248-249), de que a população nativa é inferior, e assim tornando o arquipélago altamente vulnerável a uma nova forma de dominação externa, motivo pelo qual ele tem sofrido há muito tempo.

Apenas a título de esclarecimento das ideias expostas pelas teorias, que segundo o autor são especulativas, visto que não foram sistematicamente testadas, resumimos a seguir cada uma delas. A primeira, nomeada *Trickle Down*, pontua que a criação de bolhas ambientais com o intuito de servir às hordas em férias e a captação de norte-americanos para administrá-las, produz uma considerável colônia ianque em praticamente toda ilha caribenha. Essa escola, que enfatiza o poderoso efeito de demonstração engendrado pela transformação da subcultura dominante local em dependente, contende que esta comunidade estrangeira, onde as normas americanas prevalecem, torna-se formadora de opinião para elite das Índias Ocidentais, que entra em contato próximo e frequentemente lucrativo com esta (Matthews 1978, p. 59 *apud* Erisman, 1983, p. 350). O efeito resultante é que a aristocracia local, ao mesmo tempo dependente (por causa das suas orientações sociais que sofrem influência externa) e dominante (por representar a estação na vida aspirada pelos antilhanos que se encontram nos menores escalões de *status*), permanece o grupo de referência primária para os outros cidadãos e toda a situação culmina na difusão

³ Tradução minha. Na versão original em inglês: New forms of dependency reinforce old colonial habits. Political, economic and cultural constraints are intimately interlinked – commercial ties lead to strategic accommodations, cultural dependency stems from overseas economic dominance. Submission to external cultural criteria is the inevitable concomitant of West Indian political and economic dependence.

dos valores metropolitanos entre a população, conforme explica o autor, embora haja grupos que resistam e adotem uma posição nacionalista.

A teoria denominada *Commodification* parte do princípio de que o negócio turístico caribenho é controlado por capitalistas norte-americanos, desejosos em maximizar seus lucros oferecendo um produto desejável a um maior número de consumidores possível e em conter os seus custos ao mínimo. Reconhecendo que o etos capitalista permeia a indústria e que essa permeia o arquipélago, os teóricos dessa vertente concluem que o impacto do turismo de massa chama as sociedades caribenhas para o quadro ideológico internacional do capitalismo norte-americano. Como consequência, essa ideologia torna-se dominante nas Antilhas, afeta as interações sociais, distorce a visão da sociedade com relação a sua própria história e suas tradições culturais e impede a emergência da manutenção de uma identidade nacional distinta. Ao citar Perez (1975, p. 25-26), Erisman (1983, p. 353) acrescenta que na medida em que as autoridades metropolitanas continuam a definir a história caribenha como atração turística, a tarefa de romper com o passado colonial continua por acontecer. Essa teoria é ainda mais aplicável aos microestados caribenhos como Antigua, Barbados, ou Santa Lúcia, nas quais os enclaves turísticos tendem a envolver todo o país.

A teoria *Mass Seduction* é semelhante a *Trickle Down*, entretanto rejeita a ideia de que as elites locais são necessárias como intermediárias, já que o efeito da indústria turística sobre a população geral opera na base de contatos diretos entre os anfitriões (nativos) e os convidados (turistas), como caracteriza Erisman (1983, p. 355). Influenciados pelo contato com os visitantes, muitos autóctones passam a adotar o modo americano nas suas vestimentas, na alimentação e até mesmo nos valores, que passam a se tornar espécies de guias para o seu próprio comportamento social. Nesse sentido, eles caem em estado de dependências cultural, são seduzidos, perdendo sua identidade nacional e senso de dignidade cultural. A consequência é, portanto, alienação e isolamento, abandono de suas raízes caribenhas e incapacidade de contribuir significativamente para a solução dos problemas socioeconômicos de seu país, ainda que estejam separados e não consigam penetrar de fato na sociedade metropolitana. Dessa forma, diferentemente do turista, que após o período de fantasia retorna à realidade, o nativo permanece num limbo cultural, perseguindo ilusões que minimizam as chances de desenvolvimento independente, como conclui o autor.

A última teoria, a *Black Servility*, que como o próprio nome indica diz respeito à questão de raça, tema constante na experiência antilhana, é claramente herdeira desse legado, como destaca Erisman (1983, p. 357), percebendo a dependência cultural como excrescência das relações raciais inerentes aos negócios de viagem caribenhos. Duas situações óbvias estão presentes na análise dessa teoria: primeiro a de que o turismo é uma indústria constituída por serviços que pressiona aqueles envolvidos a adotarem maneiras acolhedoras e obsequiosas perante os consumidores; e segundo a de que na região geográfica em análise praticamente todos os turistas são brancos, enquanto que os nativos que atendem às suas necessidades, especialmente em funções mal-remuneradas e desprestigiadas como a dos serviços operacionais, são em sua maioria negros. E os norte-americanos, predominantemente racistas, não esquecem o preconceito quando embarcam para essas ilhas turísticas, sentimento que tende a ampliar quando estão pagando por serviço e deferência. Essa última escola insiste que o turismo de massa gradualmente impregna os antilhanos com as normas da metrópole e com os valores que se referem às relações raciais. Dessa forma, estes se tornam culturalmente dependentes e suas orientações sociais dominadas pelo racismo que “*supostamente*” (grifo do autor) caracteriza os Estados Unidos (ERISMAN, 1983, p. 358).

Face ao exposto, concluo, portanto, que quando em uma nação os subsistemas econômicos, políticos e culturais ficam à mercê do controle de uma metrópole estrangeira, significa que estão em posição de dependência, tornando-se um território colonial. O domínio cultural pode ser percebido quando as influências externas passam a prevalecer não somente nos sistemas político e econômico, mas, sobretudo, nos “*corações e mentes*” da sociedade periférica.

Diante do cenário de dependência externa e da existência de elites internas, que são ao mesmo tempo submissas à hegemonia exterior e dominantes do ponto de vista local, a maioria dos habitantes comuns se encontra em uma condição inferior, reclamando o seu direito à voz e participação efetiva em um setor que gera mal-estar para a sociedade, além do crescimento de sentimentos de nacionalismo, já que se espera que as ilhas turísticas aceitem o fato de que são financeiramente dependentes de uma indústria que demanda que os nativos sejam servos, como pontua Coram (1993, p. 160), quando se refere ao caso de Antigua, uma das ilhas mais turisticamente famosas do Caribe.

7 CONCLUSÃO

Desde o século XIX que a atividade turística desenvolve-se no Caribe, no entanto a participação da sociedade caribenha e sua intervenção nas decisões que dizem respeito ao turismo ainda são recentes, com pouco envolvimento de membros comunitários. Para o governo e as empresas, maiores beneficiários da indústria turística, é evidente o interesse em melhorar o nível de educação da população para a recepção ao turista.

É muito comum aos diversos contextos em que são abordadas as condições em que o turismo se desenvolve no Caribe, ser citada a necessidade de desenvolvimento sustentável planejado, essencial para o futuro do turismo local. O aumento do bem-estar geral favorecido pelo turismo, infelizmente, somente proporciona vantagens a uma pequena porcentagem da população, a exemplo das elites locais, que além de lucrarem desproporcionalmente mais com o seu desenvolvimento, beneficiam-se através de favoritismo na participação em investimentos externos.

Em termos de sustentabilidade, o elemento que mais necessita de mudança e investimento é o desenvolvimento de recursos humanos, pois a sua fraqueza representa a fraqueza de todos os departamentos. Para que o setor apresente crescimento de maneira independente do domínio externo e promova vantagem para as sociedades, é fundamental o surgimento de parcerias, cooperação e colaboração entre os principais elementos componentes da indústria, como as comunidades locais, os setores público e privado. As comunidades deveriam ser o principal foco do desenvolvimento turístico para a garantia da sustentabilidade. O turismo deveria oferecer uma abordagem mais sustentável através da criação de oportunidades de emprego mais estáveis, da concessão de perspectivas para as pessoas desenvolverem habilidades e capacidades, suporte e atribuição de poder ao desenvolvimento comunitário. Tal circunstância, contudo, é aparentemente quimérica, diante da situação em que se configura o Caribe, enquanto região caracterizada por uma condição altamente dependente da economia externa, fruto de um legado colonial enraizado nas suas estrutura.

Diante dessa conjuntura, aquele que é paradoxalmente considerado o “*Outro*”, ainda que dentro de seu próprio território, permanece sem alternativa, sem poder de decisão, sem voz. Subjugado pelo sistema neocolonial, os naturais dessas localidades têm seus interesses negativamente afetados pelo turismo e desenvolvem sentimentos de ressentimento contra o turismo e os turistas.

TOURISM AND DEVELOPMENT IN THE CARIBBEAN: THE POSITION OF THE OTHER

Abstract

The Caribbean islands are characterized by a long process of colonization and late independence, aspects that have caused them developmental delays in economic, political and social terms. Through tourism, they experienced neocolonial exploitation from the emerging powers, beginning in the nineteenth century. This situation, triggered by the exploitation by stable and apparent systems, has caused a major dependency. On the other hand, tourism is one of the fastest growing sectors worldwide and its rapid expansion is considered, or at least should be considered, as a means for the sustainable development of the Caribbean countries. This article will contextualize the peripheral condition of tourism's development in the Caribbean, as a central economic activity, showing its particularities, the exploitation strategies imposed by the dominant groups since the colonial period, the relationship between tourists and natives, the positioning of the local tourist trade and, finally, the circumstance of the Other, as responsible for the practicability of an activity that mainly demands service.

Keywords: Caribbean. Tourism. Development. Society. The Other.

REFERÊNCIAS

ATTCHISON, C. Theorizing Other discourses of tourism, gender and culture: Can the subaltern speak (in tourism)? London, **Thousand Oaks and New Delhi**: Sage Publication, v. 1, n. 2, p. 133–147, 2001.

AZEVEDO, E; HERBOLD, H. **Caribe**: o paraíso submetido. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORAM, R. **Caribbean Time Bomb**: The United States' Complicity in the Corruption of Antigua. New York: William Morrow & Co., 1993.

DYDE, B. **Antigua and Barbuda**: Heart of the Caribbean. London: Macmillan, 1999.

ERISMAN, H. Tourism and Cultural Dependency in the West Indies. **Annals of Tourism Research**. Great Britain: Elsevier Ltd., Vol. 10, p. 337-361, 1983.

FERGUSON, J. **Guia Histórico para viajantes**: Caraíbas. Tradução de Inês Gromicho. Lisboa: Europa-América, 2002.

HALL, C.; TUCKER, H. **Tourism and Postcolonialism**: Contested discourses, identities and representations. London and New York: Routledge, 2004.

HALL, K.; HOLDER, J.; JAYAWARDENA, C. Caribbean tourism and the role of the University of the West Indies. In: JAYAWARDENA, Chandana (Ed.). **Caribbean tourism**: visions, mission and challenges, Kingston, Jamaica: Ian Randle, 2005.

HENRY, P. **Peripheral Capitalism and Underdevelopment in Antigua**. The State University: Transaction Publishers, 1985.

JAAKSON, R. Globalisation and neocolonialist tourism. In: HALL, C.; TUCKER, Hazel (Ed.). **Tourism and Postcolonialism**: Contested discourses, identities and representations, London and New York: Routledge, 2004.

LAFHAMME, A. The Impact of Tourism: a case from the Bahamas Islands. **Annals of Tourism Research**. Great Britain: Elsevier Ltd. April/ June, p. 137-148, 1979.

MADRIGAL, L. **Human Biology of Afro-Caribbean Populations**. New York: Cambridge University Press, 2006.

PLANISEK, S. Caribbean Basin Initiative Impact on Tourism. **Annals of Tourism Research**. Great Britain: Elsevier Ltd., v. 17, p. 466-480, 1990.

THOMAS, H. **The Slave Trade: The History of the Atlantic Slave Trade 1440-1870**. Great Britain: Picador, 1997.

VIVAS, L. Interseções entre gênero, raça, turismo e exploração sexual no Caribe: o caso de Antigua. **Revista Brasileira do Caribe**, v. XII, 2012. [em linha]. Disponível em <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=159121725009>.

WEARING, S.; DARCY, S. Inclusion of the “Othered” in Tourism. *Cosmopolitan Civil Societies Journal*. Sydney, Australia: UTSePress, v. 3, n. 2, p. 18-34, 2011.

Artigo recebido em 17/11/2012. Aceito para publicação em 22/12/2012.